


## Gíria dos acautelados: recurso linguístico dos jovens que se encontram privados de liberdade / *Jerga advertida: recurso lingüístico para jóvenes privados de libertad*

*Fernando Miranda Arraz*<sup>1\*</sup>

Pontifícia Universidade Católica – PUC Minas, Belo Horizonte/MG, Brasil, Doutor em Letras: Linguística e Língua Portuguesa. Servidor Público da Secretaria Estadual de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais (SEJUSP/MG). Bolsista CAPES.

 <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-4609-7683>

**Recebido em:** 22 mar. 2022. **Aprovado em:** 18 jul. 2022.

### Como citar este artigo:

ARRAZ, Fernando Miranda. Gíria dos acautelados: recurso linguístico dos jovens que se encontram privados de liberdade. *Revista Letras Raras*, p. 345-363, v. 11, n. 3, out. 2022.

DOI:<https://doi.org/10.5281/zenodo.8170228>

### RESUMO

Este artigo apresenta uma das variedades presentes no léxico português, que é a gíria, falada em especial por adolescentes e/ou jovens que se encontram em privação de liberdade, os acautelados. Essas gírias são consideradas herméticas, logo difíceis de serem compreendidas por aqueles que não estão inseridos no grupo, sendo, por isso, uma forma de proteção e identificação dos membros, determinando a identidade cultural dos falantes, moldam aspectos de sua personalidade que vão além dos aspectos linguísticos. Para esses usuários há uma necessidade de criar um signo linguístico próprio, não porque desconheçam outros níveis linguísticos, mas porque eles têm como objetivo a busca da proximidade com quem ele fala e a criação de efeitos de sentidos que outras palavras não oportunizariam criar. O estudo busca, a partir do início de uma análise realizada com um corpus léxico, mostrar de que forma jovens acautelados criam gírias, sem conhecimento científico dos recursos linguísticos. A partir desse recurso linguístico, os jovens constroem laços sociais e lidam com o mal-estar contemporâneo, conseguindo, de alguma maneira, encontrar um lugar no meio social, endereçando seu sofrimento pela via do simbólico. Apresentando esse universo linguístico que circunda o uso da linguagem gíria, visando uma melhor contribuição para a valorização dessa variedade linguística que, apesar de constituir-se um fenômeno imprescindível no processo natural de renovação da língua, ainda é, por muitos, estigmatizada. Espera-se que este estudo facilite a prática de diversos profissionais que convivem com esses jovens acautelados, buscando uma melhor compreensão da temática e permitindo nortear pesquisas futuras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gíria; Léxico; Recurso linguístico; Jovens acautelados.

### RESUMEN

*Este artículo presenta una de las variedades presentes en el léxico portugués, que es la jerga, hablada especialmente por adolescentes y/o jóvenes privados de libertad, los advertidos. Estas jergas son consideradas herméticas, por tanto*

---

1\*

[fernandomarraz@gmail.com](mailto:fernandomarraz@gmail.com)

*de difícil comprensión por quienes no forman parte del grupo, siendo, por tanto, una forma de protección e identificación de los integrantes, determinando la identidad cultural de los hablantes, configurando aspectos de su personalidad que van más allá de los aspectos lingüísticos. Para estos usuarios existe la necesidad de crear su propio signo lingüístico, no porque desconozcan otros niveles lingüísticos, sino porque pretenden buscar la proximidad con la persona que hablan y crear efectos de significado que otras palabras no tendrían oportunidad crear. El estudio busca, desde el inicio de un análisis realizado con un corpus léxico, mostrar cómo los jóvenes tutelados crean jergas, sin conocimiento científico de los recursos lingüísticos. A partir de este recurso lingüístico, los jóvenes construyen vínculos sociales y lidian con el malestar contemporáneo, logrando de alguna manera ubicarse en el medio social, abordando su sufrimiento a través de lo simbólico. Presentar este universo lingüístico que envuelve el uso de la argot, buscando una mejor contribución a la apreciación de esta variedad lingüística que, a pesar de constituir un fenómeno esencial en el proceso natural de renovación de las lenguas, sigue siendo, por muchos, estigmatizada. Se espera que este estudio facilite la práctica de varios profesionales que conviven con estos jóvenes precavidos, buscando una mejor comprensión del tema y permitiendo orientar futuras investigaciones.*

**PALABRAS CLAVE:** Argot; Léxico; Recurso lingüístico; Jóvenes tutelados.

## 1 Introdução

De acordo com Arraz (2020), a língua é a melhor e mais eficaz forma de interação humana, uma vez que é por meio dela que se estabelece a maioria das relações entre um indivíduo e outro e entre esses indivíduos e a sociedade. Ainda conforme esse autor, é também por meio da língua que revelamos nossa cultura, nossos valores, crenças e a nossa visão de mundo. É preciso considerar que a língua não é algo imutável ou homogêneo, ao contrário, está em constante evolução e se modifica sempre, até dentro de uma mesma comunidade de falantes. A língua, como uma das manifestações da linguagem, se apresenta como um fator de grande importância na identificação de um povo pelo poder de expressar a realidade da comunidade que a utiliza, conglomerando a cultura, informando e transmitindo-a (ARRAZ, 2020).

Vale ressaltar que as respectivas gírias foram coletadas em conversas informais com os jovens acautelados, optou-se por este método, uma vez que o técnico é considerado um servidor do ambiente socioeducativo, evitando, assim, a resistência e desconfiança dos jovens acautelados, pois com pessoas conhecidas eles se sentem mais à vontade e dispostos a um melhor diálogo.

Segundo Preti<sup>2</sup> (2004), no caso específico da língua ou, mais precisamente, do léxico, damos o nome de gíria de grupo ao vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. A gíria é uma das opções do léxico português, uma de suas variedades e, assim como outras

---

<sup>2</sup> Autor que é considerado um dos precursores das pesquisas sobre as gírias no Brasil.

unidades lexicais, deve se adequar à situação de uso e à intenção do falante em relação ao seu ouvinte. De acordo com Bagno (2007),

Algumas pessoas me dizem que a eliminação da noção de erro dará a entender que, em termos de língua, vale tudo. Não é bem assim. Na verdade, em termos de língua, tudo vale alguma coisa, mas esse valor vai depender de uma série de fatores. Falar gíria vale? Claro que vale: no lugar certo, no contexto adequado, com as pessoas certas. E usar palavrão? A mesma coisa. (BAGNO, 2007, p.129)

Nesse sentido, é através da língua que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, portanto, realidades diferentes vividas por grupos sociais diferentes darão origem a diversas formas de manifestações linguísticas.

A história da linguagem revela que o ato comunicativo entre as pessoas acontece mediante o uso de uma língua. Sabe-se que a língua é um traço linguístico da identidade de cada falante que está inserido em um contexto social, econômico e cultural. Assim, vendo que a língua é rica, mutável e variável, surge a gíria, fenômeno que nasce da linguagem restrita de determinado grupo social. (PRETI, 2004, p.42).

A gíria é um signo formado por e para um grupo, que surge de forma real através de seu uso e possui sua ideologia marcada pelo grupo que a cria. Cabe salientar que a ideologia é “encarnada” não apenas em palavras, mas também em instrumentos, produtos de consumo, objetos, de uma forma geral, mas que possuam algum tipo de concretização, uma representação exterior à ideologia, à consciência. No caso da gíria, essa concretização existe na palavra, que por sua vez é a materialidade linguística.

Nesse sentido, os usuários das gírias buscam a comunicação apenas com as pessoas do seu grupo. No caso da gíria, ela se incorpora à língua oral popular ou segundo alguns estudiosos mais ortodoxos, simplesmente parte do vocabulário popular. A gíria, portanto, é uma forma de expressão cultural, manifestada linguisticamente (ARRAZ, 2020).

Segundo Preti (2007), a gíria não pode ser representada nem definida da mesma maneira em todas as línguas, pois ela pode ser estudada sob dois aspectos: a) signo de grupo – vocabulário típico de grupos restritos; e b) a gíria comum – quando já ocorreu a vulgarização do fenômeno e

este se torna popular. A referida pesquisa aborda essencialmente o primeiro aspecto, uma vez que será realizada com adolescentes e/ou jovens, daqui por diante, jovens privados de sua liberdade, sendo um ambiente, que esse grupo restrito cria essa variedade linguística codificada, de tal forma que não é entendida por aqueles que não estejam inseridos nesse grupo.

Tendo em vista esse conceito de gíria de Preti (2007), este estudo visa abordar o uso das gírias presentes nos discursos dos jovens, daqui por diante, jovens privados de liberdade, em cartas escritas para seus familiares, que estão em cumprimento de medida socioeducativa de internação<sup>3</sup>, considerados autores de ato infracional<sup>4</sup> conforme disposto na Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 103, mediante determinação legal pelo Juiz da Infância e da Juventude. As medidas socioeducativas devem garantir ao jovem autor de ato infracional ou de conduta descrita em lei como crime ou contravenção penal, o acesso às situações que possam contribuir na superação de sua condição de excluído e, sobretudo, na constituição das condições para a participação na vida social. Vale ressaltar que essas medidas possuem caráter pedagógico com foco na ressocialização desses jovens.

Conforme Arraz (2020), no Sistema Socioeducativo, os jovens se comunicam, na maior parte das vezes com as pessoas do seu grupo, por meio da gíria, sendo, portanto, uma forma de expressão cultural, manifestada linguisticamente. A partir dessa variedade linguística própria e particular, esses jovens constroem laços sociais e lidam com o mal-estar contemporâneo, conseguindo, assim, de alguma maneira, encontrar um lugar no meio social, endereçando seu sofrimento pela via do simbólico (ARRAZ, 2020). Nesse sentido, muito mais que uma forma diferente de falar, a gíria é, para o indivíduo que está internado, uma manifestação de libertação em meio a um ambiente cheio de regras e limitações.

Existem vários estudos que tem como propósito realizar pesquisas sobre as gírias. No entanto, eles visam a uma abordagem sociolinguística. Tais estudos procuram enfatizar a gíria

---

<sup>3</sup> Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente a medida socioeducativa de internação pode ser cumprida entre 6 meses e 3 anos, dependendo dos eixos cumpridos, conforme relatório da equipe técnica.

<sup>4</sup> As medidas socioeducativas são aquelas previstas pela Lei 8.069/90, artigo 112: Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas: I - advertência; II - obrigação de reparar o dano; III - prestação de serviços à comunidade; IV - liberdade assistida; V - inserção em regime de semiliberdade; VI - internação em estabelecimento educacional; VII - qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI. (Brasil, 1990). As medidas de restrição e privação de liberdade deverão ser aplicadas apenas quando houver grande reincidência de atos infracionais, ou ainda em razão da gravidade do ato infracional praticado.

como uma marca característica da variedade linguística de um grupo social, com objetivo principal sob um prisma social e linguístico; social por ser restrito ao uso de um grupo específico e representar uma das variadas maneiras eficaz de se comunicar; linguístico, considerando que seus elementos constituintes podem ser analisados do ponto de vista dos seus significados, conforme estudos de Preti (2004 e 2007). No que se refere às gírias no ambiente de privação de liberdade, destacamos os estudos realizados no ambiente socioeducativo por Oliveira (2006) e os estudos realizados no ambiente prisional de Remenche (2003); Silva (2008); e Silva (2014). Diante desse cenário, a pesquisa que ora se apresenta se torna imprescindível, uma vez que não existe na academia um estudo que realiza uma análise das gírias em cartas escritas por jovens que se encontram privados de liberdade sob um viés discursivo. Cabe destacar, que atuando diretamente com os jovens privados de liberdade e ocupando um cargo de Direção dentro de uma unidade socioeducativa, percebo que as gírias são utilizadas como instrumento de luta contra a opressão e silenciamento.

Os motivos que justificam a realização e investigação da presente pesquisa perpassam por duas esferas: contexto acadêmico e pessoal. Em relação ao viés acadêmico, além de representar um material de estudo importante para as pesquisas sobre variabilidade linguística, a opção por estudar a temática “gíria socioeducativa” justifica-se, também, por se tratar de um assunto pouco estudado no campo da linguística atual e principalmente pela ausência de material aprofundado sobre o uso e reconhecimento de gírias provenientes de um ambiente socioeducativo sob um viés de análise discursiva, de forma que ocorra uma contribuição científica. No que diz respeito à esfera pessoal, o interesse por esta pesquisa emerge de minha experiência no campo profissional e atuação direta com jovens que cumprem medida de internação socioeducativa.

Segundo Arraz (2020), se torna importante examinar como o conflito de um grupo minoritário com a comunidade maior em que está inserido gera a necessidade da criação de um vocabulário específico que proporcione não só identificação própria, mas também a autodefesa. Nessa esteira, podemos inferir que, quando há a criação da gíria, esta funciona como signo de grupo, elemento de identidade, e traz consigo uma formação discursiva que engloba uma ideologia, sendo assim, é necessário compreender os sentidos das gírias e como elas são utilizadas como estratégia de interação no grupo que se pretende pesquisar, observando seus sentidos e significados.

A intenção da pesquisa é demonstrar esse universo significativo promovido pelo conjunto

das gírias, uma vez que os sujeitos que se encontram em cumprimento de internação passam a se adaptar e a conviver mais facilmente com a sua rotina por meio de um outro viés que não o trazido pelos valores e regras institucionais de segurança. Nessa esteira, conforme Arraz (2020), o interesse pelo tema gíria nesta pesquisa vai além de tornar conhecida a variabilidade linguística dos privados de liberdade, mas sim em tratar a gíria como fonte criativa e significativa por parte de seus usuários por meio de seus discursos.

## 2 Contextualizando o aprisionamento - Foucault

No que se refere o aprisionamento, é preciso trazer a cena o filósofo Michel Foucault, o qual aborda o nascimento das prisões e as relações de poder e as escritas de si. Cabe destacar que a gíria, como uma variação linguística é um instrumento de poder no ambiente de privação de liberdade, utilizada para burlar e/ou lutar contra o sistema socioeducativo. Um dos pontos tocados por Foucault em sua vasta reflexão concerne ao modo de funcionamento das prisões, abordando a função de normatização dos indivíduos a partir de instituições de arquitetura panóptica, tal como a instituição socioeducativa. Essas instituições, também chamadas por Foucault (2012) de “instituições de sequestro”, visam controlar o tempo dos indivíduos. Duas de suas funções podem ser citadas: a extração da totalidade do tempo e o controle dos corpos. Isso significa que, para o seu funcionamento, deve existir uma disciplina geral da existência. Além dos aportes da filosofia de Foucault, cabe destacar que a referida pesquisa pretende utilizar outros aportes teóricos, sendo o aporte filosófico de base marxista, trago especificamente para este estudo os trabalhos de Althusser (2008) sobre as lutas de classes e ao Aparelho de Repressão-ARE, uma vez que o jovem que se encontra acautelado é fruto de um sistema que o reprime. E o aporte Sociolinguístico, apresentando Preti (2007) como um dos grandes precursores da Gíria no Brasil.

Os discursos que emergem em um ambiente de privação de liberdade podem ser encarados como “espaço” de luta. As relações de poder perpassam todo esse cenário de constituição de subjetividades e de pertencimento. Sendo assim, os enunciados que expressam receio, falta de esperança e resignação, revelam saberes que são colocados em circulação para tornar os indivíduos disciplinados e dóceis.

Neste sentido, Foucault (2012), em sua obra *Vigiar e Punir*, dirige o foco ao poder disciplinar nas prisões, apresentando a justificativa da abordagem: “a prisão é o único lugar onde

o poder pode se manifestar em estado puro em suas dimensões mais excessivas e se justificar como poder moral” (FOUCAULT, 2012, p. 77). O referido autor constata que não há reflexo mais nítido do exercício de poder do que nas práticas disciplinares entendidas como métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade (FOUCAULT, 2012).

De acordo com Foucault (2013), a disciplina não se trata de uma instituição ou mecanismo no Estado. É, por si, uma técnica de poder que consegue ultrapassar todas as instituições e mecanismos. A disciplina é uma técnica de gestão e adestramento de homens. Mais do que um somatório de práticas que visam a tornar o homem dócil e útil, sendo um princípio de controle da produção do discurso. Assim, consegue fazer com que o poder atue no corpo do indivíduo, utilizando a punição e a vigilância como instrumentos de adestramento, servindo para docilizar o sujeito. A partir da ação dessa técnica de poder, o indivíduo se adéqua às normas estabelecidas pelas instituições. Em um ambiente socioeducativo, a disciplina é priorizada ao invés da socioeducação<sup>5</sup>, segundo as leis, que abordam o jovem em conflito com lei.

### **3 Contextualizando as lutas de classes - Althusser**

No que se refere ao aporte filosófico de base marxista, a pesquisa vem trazer à tona as lutas de classes, sendo importante considerar a noção de ideologia para Althusser. Em linhas gerais, pode-se afirmar que ideologia consiste em um sistema de ideias, de representações que dominam o espírito de um homem ou de um grupo social. Partindo desse conceito, a ideologia toma forma a partir de um aspecto em específico: a luta de classes. Em particular, os aspectos ideológicos tendem a estabelecer a relação imaginária dos homens com as suas verdadeiras condições materiais de existência (ALTHUSSER, 1985).

De acordo com o autor supracitado, tomando como fundamento as contribuições de Marx, avança no conceito, concebendo a ideologia a partir de uma materialidade encarnada nas condições gerais de produção e na centralidade ocupada pelo Estado. Se Marx não trata a ideologia em seu sentido mais amplo, coadunada à relação entre as forças produtivas – bases

---

<sup>5</sup> A socioeducação tem como objetivo principal “o desenvolvimento de variadas competências que possibilitem que as pessoas rompam e superem as condições de violência, de pobreza e de marginalidade que caracterizam sua exclusão social” (BISINOTO, et al., 2015, p. 581-582). Dessa forma, a socioeducação é um conjunto articulado de programas, serviços e ações desenvolvidos a partir da articulação entre práticas educativas, responsabilização social, aspectos jurídicos, demandas sociais e direitos humanos.



materiais da sociedade – e suas relações sociais de produção, Althusser (2008) a considera somente como resultado das condições materiais de existência. Talvez resida aí o único ponto em que a ideologia não contenha a mesma acepção entre ambos os pensadores. Todavia, para demérito de uma possível leitura que pretensiosamente queira colocá-los em posições antagônicas, Althusser seguramente não teria condições de perscrutar com tamanha acuidade o conceito de ideologia sem que tivesse esposado suas reflexões da obra de Marx. Com efeito, o tratamento do Estado em Althusser deve seus fundamentos à obra de Marx.

Nesses termos, a noção de ideologia em Althusser é inteiramente coerente com os postulados de Marx no tocante às classes sociais e, portanto, ao sentido da história. Em síntese, a ideologia estaria a serviço de uma determinada classe, cujo objetivo seria impor sua dominação, ou seja, a luta de classes é, sobretudo, uma luta ideológica, na qual a ideologia possui história. Melhor dizendo: se a história é a história da luta de classes, a ideologia sempre existiu, o que possibilita dizer que ela tem uma história.

poder sustentar que as ideologias têm uma história sua (embora seja ela, em última instância, determinada pela luta de classes); é por outro lado, acredito poder sustentar ao mesmo tempo que a ideologia em geral não tem história, não em um sentido negativo (o de que sua história está fora dela), mas num sentido totalmente positivo (ALTHUSSER, 2008, p. 84).

Para Althusser (2008), a ideologia ocupa lugar como um aparelho de Estado: um aparelho ideológico de Estado. O filósofo afirma que a ideologia é determinada por uma base (infraestrutura) que exerce a função de reproduzir na sociedade a ideologia dominante. Porquanto, a ideologia dominante não estaria no poder de Estado se não fosse o aparelho repressivo de Estado. Vale dizer, principalmente ao sentido que confere Althusser ao Estado, que sua proposta não foge à risca da teoria marxista do Estado, que estabelece este como um meio para manutenção e perpetuação da classe/ideologia dominante, uma vez que

na teoria marxista, o aparelho de Estado (AE) compreende: o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, etc, que constituem o que chamaremos a partir de agora de aparelho repressivo de Estado. Repressivo indica que o aparelho de Estado em questão funciona através da violência - ao menos em situações limites (pois a repressão administrativa, por exemplo pode revestir-se de formas não físicas)



(ALTHUSSER, 1985, p. 67-68).

Conforme Althusser (1985), o Estado é repressivo, sendo considerado uma máquina que dá aval à classe dominante de assegurar e perpetuar sua dominação sobre a classe dominada, porém é preciso apontar a diferença singular entre o aparelho ideológico de Estado e o aparelho repressivo de Estado. A distinção se dá a partir de uma categoria: a violência. Enquanto os aparelhos ideológicos usam da ideologia, os aparelhos repressivos utilizam da violência, física ou não. Contudo, o aparelho ideológico não se reproduz ou se mantém sem o exercício prático do aparelho repressivo, sendo que o contrário é verdadeiro.

O Estado se apresentava com um caráter repressor acentuado, o que é típico de períodos de acirramento da luta de classes. É no próprio Aparelho Repressivo que ela encontra sua maior efetividade. Sendo assim, é típico das práticas internas das instituições que compõem o Aparelho Repressivo, principalmente no que diz respeito ao ambiente de aprisionamento, a identificação dos sujeitos que abalam a ordem pública e o funcionamento normal das relações sociais de produção como inimigos, o que tem, logicamente, um efeito reflexo nas práticas de uso de força física. É preciso dizer que dentro de um ambiente privativo de liberdade, conforme as pesquisas acadêmicas na área, a prioridade vem sendo o caráter repressivo ao invés do caráter pedagógico, proposto pelas legislações vigentes. Dessa forma, a manutenção da ordem vem sobrepondo a garantia dos direitos básicos de cidadania. E nesta pesquisa as cartas escritas por estes jovens privados de liberdade são consideradas instrumentos de luta contra o aparelho repressivo, sendo uma manifestação de resistência.

#### **4 Contextualizando as gírias – Dino Preti**

Em relação aos aportes da Sociolinguística Variacionista, referencio Dino Preti, sendo um dos grandes precursores da Gíria no Brasil. Conforme Preti (2004) a gíria é um fenômeno que nasce da variação linguística restrita de determinado grupo social. Para o autor, a língua é um traço linguístico da identidade de cada falante que está inserido em um contexto social, econômico e cultural.

Com a iniciação dos estudiosos da linguística no Brasil, a gíria passou a ser estudada a partir da década de 70, em uma perspectiva descritiva e não normativa como faziam os poucos

gramáticos que se dispunha maltratá-la. Quem mais se destaca, nesse estudo, é o professor Dino Preti, que, com sua equipe de estudo, colaborou muito para quebrar o sentido pejorativo que cercava o vocabulário da gíria, até poucos anos.

Dentre as variações linguísticas, a gíria pode ser definida como uma forma peculiar de expressão de grupos específicos, que se diferencia da língua padrão, sobretudo pelo léxico. Cumpre ressaltar que se trata apenas de uma variação linguística, de um vocabulário distinto, não constituindo outra língua, pois a estrutura gramatical e sintática é praticamente a mesma da língua materna, mas o léxico é bastante alterado a ponto de impedir a sua compreensão.

Segundo Preti (2007), a gíria não pode ser representada nem definida da mesma maneira em todas as línguas, pois ela pode ser estudada sob dois aspectos: a) signo de grupo – vocabulário típico de grupos restritos; e b) a gíria comum – quando já ocorreu a vulgarização do fenômeno e este se torna popular. A referida pesquisa aborda essencialmente o primeiro aspecto, uma vez que será realizada com jovens acautelados, sendo um ambiente, o qual este grupo restrito cria essa linguagem codificada, de tal forma que não é entendida por aqueles que não estejam inseridos.

Ainda de acordo com o autor supracitado, a gíria de grupo é aquela que utilizada por grupos sociais que se encontram em restrição, tendo um comportamento diferenciado, o qual possui caráter criptográfico, ou seja, uma variedade linguística codificada de tal forma que não é entendida por aqueles que não pertencem ao grupo. Ao usar a gíria, os falantes sentem-se mais admirados, e até mesmo com uma certa autoridade, isto serve como um diferencial do grupo contribuindo para o processo de autoafirmação do sujeito. Expressa a sua posição contrária aos valores tradicionais da sociedade, preservando assim a segurança do grupo, pois em determinadas situações a comunicação não consegue existir com aqueles que não pertencem a este ambiente. Quando a definição das gírias sai do campo do grupo, novas terminologias são criadas para que se mantenha sua maneira criptográfica, por isto trata-se de algo transitório, em constante renovação.

De acordo com Remenche (2003), a gíria de grupo se caracteriza linguisticamente pela preocupação esotérica, o cuidado que têm os componentes do grupo de criar a sua linguagem, diferente, ininteligível aos estranhos e claríssima a si próprios. A linguagem deles é uma barreira, uma defesa. Logo, as gírias são de formação consciente. Em razão de sua natureza hermética, a gíria, na maioria das vezes, é considerada uma variante linguística de baixo prestígio social,

renegada a classes pouco instruídas. Esse preconceito linguístico se deve ao fato de a gíria, em geral, ser associada a grupos marginais que, por sua vez, também são alvo de preconceito.

## 5 Gírias dos acautelados

Segundo os estudos de Arraz (2020), a partir do momento em que os jovens ingressam em uma instituição de privação de liberdade, seja ela internação provisória ou internação definitiva<sup>6</sup>, ele tem a perda do seu eu, ao se deparar com “regras”, sendo normas e circunstâncias que antes tinha a “liberdade” para se fazer. Ao pertencer a um grupo como este, deve-se aceitar as determinações sem discutir, pois no grupo seus membros defendem o interesse coletivo, sendo postos em segundo plano seus interesses individuais. Vale ressaltar que, esse grupo possui regras, determinações conhecidas por todos os internos, e, conseqüentemente, poderá ter influência negativa, devido seus membros estarem afastados da família e ficarem mais vulneráveis à influência dos líderes<sup>7</sup>

A gíria é o mecanismo de comunicação utilizada por estes jovens que estão em cumprimento de medida socioeducativa, sendo que por meio dela, conseguem se expressar e exprimir suas vontades e seus anseios (ARRAZ, 2020). A partir dessa língua própria e privada, esses jovens edificam laços sociais e lidam com o mal-estar moderno, com o fenômeno da desresponsabilização e alcançam, de alguma maneira, descobrir um lugar no meio social, endereçando sua angústia pela via do simbólico.

Devido a necessidade de se defender das pessoas que estão ao seu redor, os jovens que estão em cumprimento de medida socioeducativa de internação, precisam elaborar um código de conversação que evite indivíduos não iniciados de entendê-lo enquanto conversa, permitindo assim a estabilidade do grupo (ARRAZ, 2020). Nesse sentido, partimos da ideia de que a gíria é um rico artifício linguístico e que algumas dessas palavras utilizadas pelo sujeito-privado de liberdade vão muito mais que uma forma diferente de falar, sendo uma manifestação de libertação, em meio a um ambiente cheio de regras e limitações.

---

<sup>6</sup> Quando o juiz aplica a sentença definitiva, que conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente será pelo prazo de 6 meses até 3 anos, sendo reavaliado pela equipe multidisciplinar que atende o jovem.

<sup>7</sup> Internos considerados mais velhos na unidade e/ou que já cumpriram medidas anteriores, ou seja, reincidentes na medida socioeducativa.

Segundo Cabello (2002), a variante criada nos centros socioeducativos pode ser considerada dinâmica e metafórica em seu interior, trazendo, muitas vezes, à tona o comportamento social dos jovens que compõem esse ambiente, através das formas estranhas e pejorativas. Para a autora a gíria não é uma variação linguística independente, mas uma forma parasitária da língua, da qual utiliza a fonética, a morfologia, a sintaxe e o léxico, ou seja, os processos de criação da gíria são os mesmos da língua comum.

Segundo Remenche (2003), a gíria transmite e mantém os valores, os conhecimentos e a realidade do grupo com uma forte tendência à concretização do abstrato. Além disso, no ambiente social, empresta um forte traço de denúncia e insatisfação com as diferenças, uma vez que vai contra as regras da língua falada pela sociedade e como protesto contra as demais regras desta mesma sociedade. É a forma encontrada para saírem do anonimato, para serem diferentes de alguma forma.

A gíria é uma manifestação linguística observada, principalmente, na oralidade. Por ser considerada uma forma de agressão, é um fenômeno utilizado principalmente por grupos sociais menos privilegiados ou por grupos totalmente excluídos da sociedade, dentre outros. Sendo assim, este recurso linguístico próprio de um grupo social, que serve para identificar esse grupo, representá-lo, caracterizá-lo, de forma a diferenciá-lo de outros (OLIVEIRA, 2006).

Conforme Preti (2007), os vocábulos gírios expressam os sentimentos, as atitudes em face do meio em que o falante vive, o julgamento crítico e a representação do mundo. A construção de um vocabulário gírio, embora possa parecer senso-comum, está longe de ser uma tarefa singela e comum. Deve haver uma grande preocupação com a representatividade do corpus e com o estabelecimento de critérios claros, além do conhecimento e o respeito às normas e padrões estabelecidos pelos estudos dos léxicos.

Segundo Silva (2014), o vocabulário gírio, diante da dinâmica social e estrutural da língua, pode representar a máxima da relação indivíduo e corpo coletivo, pois é conhecida como linguagem hermética de grupos peculiares e como instrumento de exclusão e segregação, os quais a utilizam como construto simbólico do pertencimento e identidade. Além da agressão aos costumes do grupo social maior, institucionalizado, esse comportamento revela uma necessidade de autoafirmação. A constante busca de identidade, de forma agressiva ou não, está marcada na linguagem dos acautelados em uma unidade socioeducativa de internação, por um léxico peculiar que contrasta com o uso da comunidade externa.

A intenção da pesquisa é retirar, das análises que serão coletadas no *corpus* gírio, a ideia de que essas unidades lexicais podem criar um contexto novo, um ambiente livre das coações e das normas decorridas do ambiente socioeducativo, ressaltando que a partir deste ambiente inovador pode-se alcançar a almejada liberdade do acautelado de uma forma simbólica. Esse universo significativo promovido pelo conjunto das gírias passa a ser de extrema importância para a adaptação do jovem que se encontra privado de sua liberdade.

Neste sentido, a referida pesquisa vem trazer à tona a gíria do jovem privado de liberdade que vem ao encontro desta referida demanda, pois é uma compreensão de um mundo particular e com reflexão de um modo peculiar de sua fala, especialmente por suas gírias, expressão singular daqueles que, apartados de nosso cotidiano, conseguem reconstruir uma nova dinâmica em suas palavras com representação de exclusão, da marginalidade, de manifestações contra ações opressoras e atos de imposição.

## 6 Uma breve contextualização de dados

Este estudo se insere na área da sociolinguística, porém o pesquisador vem realizando sua pesquisa de doutoramento, atualmente sob um viés discursivo, ou seja, na Análise do Discurso- AD de Linha Francesa, o qual concebe o discurso como sendo produzido por um sujeito marcado na história da sua comunidade, num tempo e espaço concreto.

Uma das características inerentes ao vocabulário gírio é a tematização em torno dos grandes problemas do ser humano e das preocupações em relação ao cotidiano da sociedade moderna. A gíria dos privados de liberdade em um ambiente socioeducativo, confirma as tendências temáticas que preponderam nesse vocabulário. Os dados linguísticos oferecidos pelo corpus conduzem aos conceitos-eixo que formam campos semânticos concretos, por meio de uma rede de constelações sinonímicas relacionadas a tais temas.

O grupo social investigado exerce uma grande influência na vida de cada indivíduo nele inserido. A atitude individual é, em geral, moldada, de modo a adaptar-se às atitudes socialmente aceitas pelo grupo. Assim, as normas e as regras criadas pelo grupo devem ser conhecidas e seguidas à risca pelos seus membros, sob pena de o transgressor ser preterido, criticado, ridicularizado ou até gravemente hostilizado pelos demais. Algumas dessas normas dizem respeito a uma espécie de “moral” estabelecida pelo grupo, como o respeito aos familiares, aos visitantes

e aos internos que estão há mais tempo na unidade.

Foram selecionados os principais vocábulos durante essas conversas informais, a partir das quais o pesquisador fez uma lista com essas gírias em conversas informais com os jovens acautelados, e nos quais serão apresentadas no quadro abaixo as principais:

**Quadro 1- Gírias coletadas com os jovens acautelados**

<b>Gírias</b>	<b>Significados</b>
Areia nos olhos	Enganar
Azul	Esperto
Badalo	Órgão genital masculino
Barraco ou gaiola	Alojamento/ dormitório
Blindada	Marmitex
Boi	Vaso sanitário
Cachorro	Nádegas
Castelar	Masturbar
Catatau	Carta ou bilhete
Cavalo doido	Fuga
Chucho	Objeto artesanal utilizado como arma
Conde	Transferência
Churros	Fezes
Coruja	Cueca
Crocodilo	Não confiável
Descalço	Desarmado
Duzentão ou jack	Estuprador
Gancha	Bermuda
Graxa	Manteiga servida no pão
Jega	Cama
Larica	Vontade de comer
Marrocos	Pão
Pestana	Cochilo
Pipa	Bilhete
Praia	Chão do alojamento
Rato	Interno que furta do outro
Remo	Colher
Seguro	Ameaçado

Tia	Corda improvisada
Ventana	Janela

**Elaborado pelo autor (2022)**

É perceptível uma estreita relação entre as atitudes sociais vivenciadas pelo grupo investigado e a linguagem por ele utilizada, ou seja, é perceptível que as escolhas lexicais, no caso, a predileção pelo uso da gíria (e, em especial, de algumas gírias) não é algo gratuito, mas, de fato, demonstra a compreensão do valor que o uso adequado dessa variedade assume no interior do grupo.

Em razão disso, é possível perceber que essa variedade não serve apenas, pura e simplesmente, para a comunicação, mas também representa claramente uma manifestação de força social no âmbito do grupo. Isso fica evidenciado, sobretudo, quando um novo jovem, pela primeira vez, passa a ser interno da unidade. Essa orientação só vem confirmar o grau de importância dessa variação linguística da gíria dentro de um ambiente socioeducativa, sendo que uma das principais razões dessa valorização se deve ao estabelecimento de regras e de tabus linguísticos por seus membros que, se não forem respeitados por qualquer razão, poderão gerar sanções, que podem variar, desde uma simples gozação ou ironia, agressões físicas e até mesmo a uma rebelião.

## **7 Próximos passos para uma abordagem discursiva**

Ao eleger esta temática, a pretensão é demonstrar a gíria como fonte criativa e (re)significativa por parte de seus usuários, sendo capazes de originar, através do interdiscurso, evidenciando a força desse fenômeno dentro do ambiente de reclusão. O foco em uma abordagem discursiva é a construção de sentido que se dá a partir do lugar no qual a fala do sujeito é constituída, não podendo nos esquecer da incompletude da linguagem e da sua heterogeneidade: nem os sujeitos, nem os sentidos e nem os discursos estão prontos. O já dito remete para o dizer de outros sujeitos, em outros discursos, em outros espaços. Uma perspectiva discursiva está ligada a uma exterioridade, estabilizando um enunciado (estrutura) para associá-lo a um acontecimento, sendo assim, para entender essa espessura discursiva, deve-se levar em conta as dimensões ideológica, social e histórica do sujeito em questão, bem como de sua



memória discursiva.

Segundo Pêcheux (2008, p.53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro” uma vez que o processo de produção de sentidos depende do momento histórico e social e das ideologias de formação discursiva em que se encontra o sujeito-leitor. Assim, quem não domina as gírias pode não compreender o conteúdo das mensagens propagadas – ou, simplesmente produzir um sentido completamente diferente do pretendido pelo sujeito-autor -, o que pode se tornar uma forma de proteção e identificação dos membros.

Para esses usuários, há uma necessidade de criar um signo linguístico próprio, não porque desconheçam outros níveis linguísticos, mas porque eles têm como objetivo a busca da proximidade com quem falam e a criação de efeitos de sentidos que outras palavras não oportunizariam criar. Tal atitude, na concepção deles, evita que sujeitos não pertencentes ao grupo entendam seus discursos, seus combinados. Nesse sentido, a gíria pode ser entendida como um rico artifício linguístico em que, mediante as escolhas discursivas, algumas transformam-se numa manifestação de libertação em meio a um ambiente cheio de regras e limitações.

Conforme Silva (2008), o jovem que se encontra acautelado cria a gíria com base nas regras de formação de palavras decorrentes do nosso sistema linguístico e, mais especificamente, compõe gírias utilizando o recurso polissêmico, cujos campos lexicais fazem referência a proteção e identificação dos membros. Sendo assim, quando há a criação da gíria, esta funciona como signo de grupo, elemento de identidade, e traz consigo uma formação discursiva que engloba uma ideologia, geralmente criando o sentido e significado da gíria nas situações cotidianas. É necessário, dessa forma, além de investigar, compreender o sentido das gírias e como elas são utilizadas como estratégia de interação no grupo que se pretende pesquisar, observando seus sentidos, significados e seus conceitos vistos como discurso.

Orlandi (2007) afirma que os discursos são formas cruciais na institucionalização dos sentidos. É no discurso sobre que se trabalha o conceito de polifonia, ou seja, sobre um lugar importante para organizar diferentes vozes. Para a autora, o lugar histórico-social em que os sujeitos enunciadore de determinado discurso se encontram, envolve o contexto e a situação e intervém a título de condições de produção do discurso. Não se trata da realidade, mas de um objeto imaginário socioideológico.

Trata-se pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelas

filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, nos jogos da língua, que vai se historicizando [...] marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder (ORLANDI, 2007, p. 32).

Conforme Brandão (2004), este sujeito, por meio de sua fala, faz um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social e situa seu discurso em relação aos discursos do outro. Esse outro não é apenas o destinatário para quem o sujeito ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo). Ainda segundo esta autora, o discurso está sempre atravessado pela subjetividade; não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais e ideológicas dos sujeitos da linguagem.

Devido a necessidade de se defenderem de indivíduos que estão ao seu redor – por vezes considerados inimigos – os jovens acautelados sentem a necessidade de elaborar um código de conversação. Tal atitude, na concepção deles, evita que sujeitos não pertencentes ao grupo entendam seus discursos, seus combinados. Nesse sentido, a gíria pode ser entendida como um rico artifício linguístico em que, mediante as escolhas discursivas, algumas transformam-se numa manifestação de libertação em meio a um ambiente cheio de regras e limitações.

## 8 Considerações finais

De acordo com as gírias coletadas, esses adolescentes e/ou jovens buscam no léxico da língua muitas de suas referências, vislumbrando no cotidiano dos acautelados, elementos que reflitam sua própria realidade. Ao problematizar a questão do vocabulário gírio, é perceptível relatar que a gíria de grupo deve ser tratada com respeito, não discriminando seus falantes, pois muitas vezes não entendem o seu significado real.

O conhecimento mais aprofundado da gíria pode contribuir para a melhoria da comunicação com o grupo, minimizando possíveis situações constrangedoras ou de conflito no convívio com os jovens em questão, mesmo que seja apenas ouvindo-os, já que a maneira como esses jovens falam ultrapassa um simples ato comunicativo, pois, além de favorecer as relações entre si e os outros, demonstra a visão de mundo do grupo, suas marcas individuais e a identidade enquanto grupo. Sendo assim, a gíria consegue determinar a identidade cultural dos falantes, moldando aspectos de sua personalidade - que vão além dos aspectos linguísticos – pois, ao falar

uma gíria, o sujeito do discurso deixa evidente sua formação ideológica, sua história, sua cultura e, inseridos nesta, os hábitos, costumes, crenças, juízo de valor e visão de mundo.

Divulgando esse universo linguístico que circunda o uso da gíria, especialmente desse grupo pouco acessível – jovens acautelados - espera-se uma contribuição para o reconhecimento desta variedade linguística ainda estigmatizada por muitos. Vale ressaltar que a palavra muda de sentido conforme o posicionamento sócio-histórico-ideológico assumido pelo sujeito em conformidade com sua formação discursiva.

Em suma, entende-se que ainda há muito a ser pesquisado a respeito da gíria de grupos restritos, principalmente no que se refere a gíria através de análise discursiva e, em razão disso, outros estudos fazem-se necessários, inclusive, com novos olhares acerca desse objeto em particular, por vezes pouco valorizado em estudos linguísticos.

## Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Sobre reprodução*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Trad. Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1985.
- ARRAZ, Fernando Miranda. *A gíria em um ambiente socioeducativo: recurso linguístico utilizado pelos jovens que se encontram privados de liberdade*. Revista Dissol. Pouso Alegre, ano VII, no 12, jul.-dez./2020.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2007
- BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990: Estatuto da criança e do adolescente*. 9. ed. São Paulo: Atlas; 2000 (1990).
- BRANDÃO, H. H. N. *O léxico na perspectiva discursiva*. In: ALVES, I. M. et al. (org.). IV Colóquio Os estudos lexicais em diferentes perspectivas. Caderno de resumos. São Paulo, 2009, p. 82-96.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp. 2ª ed, 2004.
- CABELLO A. R. G. *Linguagens especiais: realidade linguística operante*. Ponta Grossa- PR: UniLetras, v.24; 2002. D
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- \_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 35. ed. Petrópolis/RJ, Editora Vozes, 2012.
- OLIVEIRA M. L. T. *A gíria dos internos da FEBEM*. [Dissertação] São Paulo: PUCSP; 2006.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 7 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: Estrutura ou acontecimento*. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- PRETI, D. F. *O léxico na linguagem popular: a gíria*. 2007. Disponível em <http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inlinefiles/S1802.pdf>. Acesso em março de

2022.

\_\_\_\_\_. *O Vocabulário oral popular: a gíria*. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna; 2004.

REMENCHE, M. L. R. *As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) 107 f. – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2003.

SILVA W. F. R. da. *Gírias do sistema prisional paranaense: a linguagem dos presídios ultrapassando seus muros*. Dissertação (Mestrado em Letras) Londrina: UEL-Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2014.

SILVA, Maria Edileuza T. *Os sentidos da liberdade... O léxico gírio como resultado de uma produção léxica criativa e significativa*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.